

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5. ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO, 1 DE AGOSTO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO	N.º 9
	Trimestre..... 350 réis	—	Trimestre..... 600 réis	
	Semestre..... 700 »	ESCRITORIO—SANTA CATHARINA, 406, 4.º	Semestre..... 1200 »	
	Anno..... 2400 »		Anno..... 2400 »	

Os Extinctores

Não podemos de maneira alguma deixar de contestar em alguns pontos a opinião do *Correspondant des Sapeurs Pompiers* sobre a efficacia dos apparatus d'extinction d'incendios, denominados *Extinctores*, apresentados no concurso de pessoal e material de incendios que teve logar ha pouco em Courbevoie, noticia que o *Bombeiro Portuguez* extractou para o seu n.º 8.

Conhecemos diversos systemas de *extinctores*: fallaremos porém de preferencia do *mata-fogo L'extincteur* inventado por W. B. Dick, explorado por Lipman & C.ª, de Glasgow e por elle aperfeiçoado ha poucos annos.

Ha 15 annos que estes apparatus de Dick, do systema antigo, foram experimentados em Inglaterra e em outros paizes, e apesar d'elles estarem longe de possuir as perfeições do novo systema, venderam-se até ao anno de 1873 cerca de 50.000, na America, em alguns paizes da Europa e principalmente na Inglaterra.

Este apparatus obteve 35 medallas de prata e 29 diplomas de merito. Até 1876 affirmase que passa de 6:300 o numero de incendios que foram extinctos por meio d'estes mesmos apparatus.

Em Inglaterra são elles empregados actualmente em todas as estações dos caminhos de ferro, nos armazens de quaesquer generos, nos depositos de petroleo e d'outros oleos, a bordo dos navios, principalmente de guerra e nos paquetes, nas minas, incluindo as de carvão, nos theatros e em todos os edificios publicos, e desde que se tem tornado mais conhecidos os effeitos maravilhosos d'esta machina, tem sido tambem empregados nas casas particulares.

Assim pois, offerecemos aos nossos leitores a gravura da machina, no seu maximo estado de perfeição,

como o agente mais poderoso, não só para extinguir fogos, como e muito principalmente para debellar incendios no seu começo.

Ousamos mesmo avançar que os incendios de grande proporções não se podem apagar, consomem-se por si mesmos; porque a agua, á proporção que é lançada n'elles, evapora-se, e decomposta pelo immenso calor só serve para alimentar as chammas.

Não obstante qualquer incendio pôde ser dominado e apagado, no seu principio, mas como na maior parte dos casos não temos á mão o indispensavel para

o atalhar de prompto, succede por isso constantemente serem destruidas muitas propriedades valiosas, roubando assim o pão a muitos, o agasalho a outros e não poucas vezes deixando as vidas de ser respeitadas pelo terrivel elemento, tudo originado de se não poder applicar os recursos ordinarios *sem perda de tempo*.

O *extincteur* não só proporciona enormes vantagens para combater um incendio em seu principio, e quando é relativamente pequeno e facil de dominar, mas consegue-o com o auxilio do mais poderoso antagonista do fogo—o *gaz acido carbonico*, cuja applicação á extincção será exposta mais adiante.

Não é este gaz isolado que se lança sobre as chammas, mas sim a agua fortemente impregnada d'elle. E' d'este modo que, deixando inteiramente de offender o *operador*, produz um effeito concentrado sobre as chammas, apagando-as instantaneamente por impedir o contacto de oxigeno da atmosphaera, sem o que essas chammas se não desenvolvem.

O *extincteur* representado pela nossa gravura, consiste n'um vaso de forma cylindrica, com uma abertura na parte superior, pela qual é carregado com materias chemicas, e com uma mangueira e agulheta para dirigir o liquido sobre o fogo.

Depois de cheio de agua, e de uma mistura de duas substancias chemicas, e no momento desejado de-



senvolve-se forte e abundantemente o gaz acido carbonico, que impede assim a combustão de materias inflammaveis muito dificeis ou impossiveis de extinguir com agua, como por exemplo: alcool, alcatrão, benzina, cebo, etc., etc.

Uma das consideraveis e importantes vantagens d'este aparelho é poder conservar-se sempre carregado e prompto para se empregar *instantaneamente*, e applicar-se por qualquer pessoa, homem ou mulher (vide a gravura), *sem a minima perda de tempo, nem o minimo perigo*, acrescentando ainda a vantagem de ser muitissimo simples e facil de se carregar.

Como o gaz é produzido no interior do proprio cylindro, da sua compressão deriva a força que arroja o liquido.

A pressão util, orça entre 120 e 220 libras por pollegada quadrada, segundo a temperatura da atmosphera no local do incendio, e o jacto é projectado á distancia de 40 a 50 pés.

As substancias chímicas não perdem nunca a sua força ainda que o aparelho esteja annos carregado e sem servir, e por experiencia propria podemos affiançar que o resultado do aparelho é tanto mais eficaz, quanto mais tempo tiver estado carregado exactamente o contrario do que succede com os *extinctores* d'outros inventores, nas quaes o gaz acido carbonico se desenvolve apenas se carregam os aparelhos e não no momento desejado como no de Dick.

Os *extincteurs* d'este inventor cujos representantes em Portugal são os srs. Creswell & C.º rua dos Fanqueiros n.º 136, Lisboa, são fabricadas em 3 tamanhos a saber:

N.º 4 leva 25 litros de agua, produz 200 litros gaz acido carbonico e peza quando cheio 31 kilos.

N.º 5, 34 litros, 272 litros de gaz e peza 41 kilos.

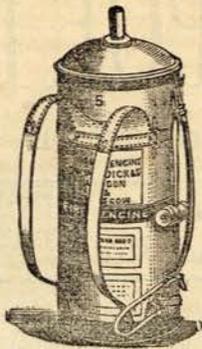
N.º 6, 43 litros, 344 de gaz e 51 kilos.

Agora antes de terminarmos as nossas explicações, vamos reponder ao *Correspondant des Sapeurs Pompiers*.

Depois de diversas considerações justissimas diz aquelle jornal:

«E em verdade que só bastou a Mr. Leroux, capitão de Courbevoile, o pedir ao experimentador que esperasse que a madeira se esquentasse um pouco, para que lhe fosse necessario servir-se d'um segundo aparelho, quando no pensar do operador um só deveria bastar para extinguir a fogueira. Se as achas fossem menos espaçadas e se os raios do calor podessem esquentar-as e carbonisar-as profundamente como succede na madeira empilhada, sem espaço por onde se introduza a agua lançada sem força sobre a fogueira, regada de petroleo e disposta de modo que o fumo intenso que d'ella se elevasse podesse extinguir uma chamma, nem o segundo, nem o terceiro aparelho bastariam, porque nenhum liquido extingue um fogo a que não chega e o extintor não poderia penetrar n'uma grande massa incandescente não tendo tal poder.»

Emquanto á primeira parte temos a dizer-lhe que os *extincteurs* não foram inventados para debellar qualquer incendio quando elle se ache no seu auge,



mas sim logo no seu principio, como já dissemos, e calculando que os dous aparelhos que o experimentador teve de descarregar, gastaram pouco mais ou menos 70 litros d'agua, pedimos áquelle jornal o favor de nos dizer quantos litros seriam necessarios a uma bomba d'incendios para conseguir o mesmo resultado?

Nós, porém, vamos tirar-lhe o trabalho de nos responder, porque, muito embora, consulte o sr. Leroux, affiançamos-lhe que não nos dará uma resposta exacta nem mesmo aproximada. Deve lembrar-se que esse monte d'achas, tomado para a experiencia devia estar com certeza impregnado de petroleo, alcatrão e talvez ainda de outras materias sobre as quaes a agua das bombas não produziria acção alguma vantajosa, ou até talvez mesmo por effeito da força com que ella seria expellida, viria a causar maiores danos atirando com porções d'essas materias para longe do foco do incendio, causando assim novos desastres.

Respeito á segunda parte «*se as achas fossem menos espaçadas etc*» temos a dizer-lhe que nós por experiencia propria lhe podemos affiançar, que n'este caso se o *extincteurs* não produzisse o effeito desejado, uma bomba d'incendios, a vapor que fôsse, necessaria não só de immenso tempo mas tambem de enorme quantidade d'agua para conseguir o fim desejado, e quando o conseguisse, a que ponto estaria reduzida a pilha de achas? Talvez a carvão ou cinzas; e n'este cazo parecemos que o collega não poderia chamar com razão a isso *principio d'incendio!*

Não podemos deixar de taxar de exageradas e injustas as arguições feitas aos *extincteurs*, principalmente sendo dos de Dick e para prova recommendamos a leitura do seguinte:

Experiencia em concurso do *extincteur* mata-fogo, da Hodropult e bomba manual, effectuada em Plumstead Marshes, Inglaterra, em outubro de 1868, por ordem e sob a direcção dos funcionarios superiores do ministerio da guerra.

Estes resultados mostraram o merito comparativo dos *extincteurs*, Hydropult e bomba manual, manejada pelo corpo de bombeiros de Londres.

As fogueiras para o certamen consistiam em tres montões de madeira, formando um quadrado de 27 pés e 9 pollegadas, por 9 pés e 8 pollegadas de altura disposto sobre tablados com materias muito inflammaveis do arsenal de Woolwick

Posto o fogo aos tres montões de madeira, e depois de estarem a arder com extraordinaria violencia, foi dada a ordem de apagar, o que se effectuou com os seguintes resultados:

N.º 1. — *Extincteurs*. — A fogueira accomettida por cinco homens, foi apagada em 7 1/2 minutos.

N.º 2. — Hydropult. — A fogueira, accomettida por cinco homens, com *illimitada* quantidade de agua, foi apagada em 15 minutos.

N.º 3. — Bomba manual. — A fogueira foi accomettida por sete homens, com agua illimitada, que não só não a pôde apagar, mas nem lhe causou a minima diminuição.

Esta fogueira foi depois apagada pelo *extinctores*.

(Continua.)

A. T. G.

Socorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINÇÃO DOS INCENDIOS E SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

(Continuado do n.º 8)

Na falta de cesto, descer-se-hão as pessoas por meio de espias com cintos de salvação. Além das escadas grandes que devem estar permanentes em diversos pontos da cidade e das escadas de ganchos de que todos os postos devem estar munidos, um carro ou trem de salvação, contendo exclusivamente osapparehos necessários para esta importante operação, deveria encontrar-se em cada casa e em cada guarda principal de bombeiros. N'esse serviço seriam especialmente empregados homens escolhidos pela sua aptidão e pela sua habilidade. N'um incendio, as secções de salvação e de extincção trabalhariam em separado, de conformidade com o que fica dito nos capitulos precedentes.

Quando ha pessoas que se acham em perigo em qualquer parte do edificio sem que se lhes possa prestar socorro immediato, procure-se inspirar-lhes coragem e socego, dando-lhes sendo possivel conselhos para melhor poderem supportar o fumo e o calor.

E entretanto os sapadores concentram todos os esforços para desviar o fogo do ponto onde estão essas pessoas, enquanto que outros tentam a salvação quer pelas janellas, quer abatendo ou fazendo uma abertura n'um muro, n'um tabique, no soalho d'um outro quarto ou d'um compartimento visinho, quer ainda operando pelas aguas-furtadas ou pelos telhados.

Este ultimo methodo de salvação é frequentemente coroado de bom exito. Se não ha communicação entre as aguas-furtadas, sobe-se ao telhado da casa contigua para passar d'ahi ao telhado do edificio incendiado, e ahi procura-se ou faz-se uma abertura por onde se possa effectuar a salvação.

Este meio que apresenta menos difficuldades do que se imagina, deve sempre ser empregado quando ha impossibilidade de entrar no edificio por outra via ou menos de concorrência com socorros prestados por outra parte. As trapeiras, olhos de boi e postigos que ha nos telhados, favorecem em muito este modo de salvação. Muitas vezes encontram-se nas aguas-furtadas, acoradas a um canto, pessoas que batidas pelo fogo que vem debaixo, para alli foram procurar um refugio, não se lembrando que n'esse logar, mais do que n'outra parte, ellas se expõem á asphixia. Deve-se então tirar de posição tão critica as pessoas cuja iniciativa propria as não poderia já salvar.

Acontece frequentemente que, em presença d'uma pessoa que se tem a transportar, nos vemos muito embaraçados sobre a maneira de a levar. N'essas circumstancias a destreza deve unir-se á força muscular do salvador, sobretudo quando as pessoas que se trata de socorrer são incapazes d'ajudar á sua propria salvação. E depois só muito raras vezes se pôde contar com o auxilio d'estas ultimas, porque um quasi nada accrescentado á emoção já soffrida, pôde subitamente tirar-lhes toda a consciencia dos factos e causar accidentes mais lamentaveis do que se a salvação não fosse tentada. Não faltam exemplos de pessoas que tendo-se agarrado com todas as forças aos salvadores, se desprendem du-

rante a descida, perdendo assim todo o fructo d'um penoso e bem começado trabalho, e de salvadores que sob a pressão d'uma victima que se lhes pendurou ao pescoço, tiveram de abandonar a escada precipitando-se com o seu precioso fardo.

Para segurar e transportar para terreno seguro uma pessoa enferma, asphixiada ou desmaiada, julgamos que a melhor maneira é a seguinte, para o salvador só e isolado: sustentala de pé deante de si, face a face, tomar-lhe com a mão esquerda o punho direito que se levantará o bastante para poder passar a cabeça debaixo do braço: collocar o braço direito do paciente obliquamente á volta da nuca e ahi segural-o com força com a mão esquerda; agarrar-lhe com a mão direita a perna direita e levantal-a assim inclinando-se ligeiramente para a esquerda. D'esta maneira todo o peso do corpo do salvado é supportado pelos hombros e a mão direita do salvador, o qual n'esta posição facilmente se sustenta em equilibrio.

Quando á falta de cesto ou de espia se é forçado a subir ou a descer uma escada levando uma pessoa, proceder-se-ha como acaba de ser explicado, devendo o fardo ser supportado á direita por uma corda ou correia fazendo parte do cinto de salvação e a mão direita agarrar os degraus a que se fará frente em todo o caso.

Não nos devemos illudir sobre as difficuldades que apresenta a descida ou a ascensão d'uma escada levando uma pessoa mesmo de peso ordinario, nem nos aventurar imprudentemente n'uma operação que parece facil, mas que no fundo é perigosa tanto para o salvador como para o salvado.

Para nos convencermos d'isso e medir antecipadamente as nossas forças, basta carregar uma mão com 65 kilos e procurar com a outra manter-se em equilibrio em quanto os pés se deslocam alternativamente para subir ou para descer; pense-se depois nas maiores difficuldades que se apresentam e nas precauções indispensaveis no transporte d'um corpo humano e reconhecer-se-ha que se não pôde assim ligeiramente e sem necessidade absoluta metter-se n'uma posição tão critica.

Accrescentemos mais que se a humanidade manda prestar socorro a qualquer pessoa em perigo, seria dar prova não de coragem, mas d'imprudente bravata comprometter a propria existencia para tentar subtrahir ás chammas moveis, objectos preciosos ou mesmo cadaveres.

Nunca se censurará demais uma classe de individuos que se veem em quasi todos os incendios e que ahi accorrem não para trabalhar e prestar socorros, mas, para gritar, gesticular, embaraçar e attribuir-se um acto louvavel que lhes permite sollicitar uma recompensa qualquer.

Se certas repartições se mostram muito circumpectas nas informações e nos certificados que dão n'estas circumstancias, encontram-se desgraçadamente empregados, que por espirito de camaradagem ou por condescendencia, acham meio de crear salvações imaginarias, fazendo-se assim cúmplices de manobras desleaes e enganando a boa fé dos seus superiores.

De certo que é bonito ver recompensar acções de nome, mas o governo nunca seria bastante reservado nem bastante avaro na distribuição das distincções honorificas por actos de coragem e de dedicação; d'outro modo, essas condecorações que devem ser o emblema do sacrificio e do trabalho, vêr-se-hiam no peito de fanfarrões vulgares que nada fizeram para merecel-as e

que se exporiam por isso ao escarneo da gente séria. Mas diga-se o que se disser, faça-se o que se fizer haverá sempre esquecidos e favorecidos. Nunca será uma condecoração em perspectiva que poderá provocar esses actos d'abnegação espontanea que fazem a admiração d'um paiz inteiro. Não, esse pequeno brinco da vaidade humana poderá talvez estimular os valentes, mas nunca destronará a mais bella, a verdadeira, a unica recompensa: o sentimento do dever nobremente cumprido.

Primeiros cuidados a prestar aos asphiziados e feridos nos incendios.

Succede frequentemente nos incendios que algumas pessoas são atacadas pelo fumo ou pelo fogo e que outras fazem feridas graves trabalhando ou querendo fugir ás chammas. O seu estado exige muitas vezes promptos soccorros e abandonal-as a si proprias, esperando a chegada d'um homem da arte, seria muitas vezes expor-lhes a vida ou condemnal-as a mutilações irremediaveis.

E' pois indispensavel que haja entre o material dos bombeiros, pequenas caixas chamadas *de soccorro* (ambulancias) contendo as substancias necessarias para um primeiro curativo.

Os casos que se podem apresentar são: queimaduras, golpes, contusões, entorses, deslocações, fraturas, asphixias apparentes e syncopes.

I — Queimaduras

O curativo das queimaduras graves ou superficiaes é feito por meio d'algodão fino ou de pannos embebidos de linimento de óleo calcario (mistura de 3 partes d'agua e quatro partes d'óleo d'amendoas doces) e seguros por uma compressa ou por um lenço.

Quando as queimaduras são profundas e largas, é preferivel cobril-as momentaneamente com pannos molhados em agua laudanizada, (duas colheres de *laudano* n'um litro d'agua), para acalmar a dôr que acompanha essas feridas.

(Continua).

REAL ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS
DA AJUDA

Reuniu ultimamente a assembléa geral d'esta Associação para a eleição dos seus corpos gerentes que recabiu nos seguintes srs.: assembléa geral: os srs: Sertorio Corte Real, presidente; Carlos Christovão Cruz Ferreira, vice-presidente; Julio Adriano Coelho, 1.º secretario; Eduardo Carlos Botelho Moniz, 2.º secretario; direcção: os srs.: Manuel Nunes Ernesto, presidente; João Baptista Ribeiro, vice-presidente; Eduardo de Oliveira Basto, 1.º secretario; João Maria Balby Junior, 2.º secretario; João Maria Balby, thesoureiro; vogaes: José Paes de Vasconcellos Abranches, José Joaquim Sampaio; conselho fiscal: Manuel Innocencio de Figueiredo, Pedro Jacinto de Moraes e Eduardo Ortega.

Correspondencias

LISBOA, 29 DE JULHO DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

Deixou de fazer parte da Real associação dos bombeiros voluntarios de Ajuda o sr. Manuel Nunes Ernesto, que havia sido eleito ha pouco para um cargo da direcção.

—A inspecção dos incendios vae remediar o seguinte inconveniente:

Desde a rua de S. José até S. Sebastião da Pedreira não existe, na estação dos incendios d'aquelles sitios, nenhum carro de mangueiras. Quando se tem dado algum sinistro ali, o serviço de mangueiras ou é feito pelo que existe atraz do theatro de D. Maria, ou pelo que está na estação do Campo dos Martyres da Patria. E' distante para acudir ali com rapidez.

—Na madrugada do dia 26 do passado manifestou-se incendio na loja de modas n.º 180 da rua Oriental de Passeio. *O Diario de Noticias*, sempre minucioso, narra o caso do seguinte modo:

Algumas pessoas, que passavam esta madrugada, por volta das duas horas, pela rua Oriental do Passeio, notaram que na loja de modas, em o n.º 180, de que é dono o sr. Manoel Roque da Silva, havia um clarão, que denunciava incendio. Effectivamente, o fumo, o cheiro da madeira queimada, e o estalar dos taipais, que eram já presa das chammas, affirmavam que existia ali grande incendio. Como não estivesse n'aquella rua o guarda nocturno, foi prevenido d'esse sinistro o policia n.º 127 da 2.ª divisão, o qual logo providenciou chamando os soccorros, para evitar maior damno. Logo que chegaram os primeiros bombeiros, estes atacaram corajosamente o fogo, cujas chammas, rompendo pelos taipais da porta, se elevavam até o 1.º andar do predio, onde ficaram queimadas as janellas. A abundancia da agua, e a rapidez dos soccorros, evitarão que o incendio passasse além da loja que destruiu totalmente, e que estava segura em seis contos de réis, sendo quatro na companhia «Norwich» e dois na «Providente». Acudiu todo o pessoal e material do districto, a bomba dos voluntarios e os voluntarios da ambulancia de soccorros medico-pharmaceuticos. No 1.º andar morava o sr. Isidoro Antonio Faria, e no 2.º o sr. visconde de S. Januario, que se achava em Cintra. S. ex.ª teve pequeno prejuizo; mas o inquilino do 1.º andar, além do damno causado pelo fumo e pela agua, soffreu um roubo de alguns objectos de valor e dinheiro, tendo que ser preso um individuo por suspeito.

O predio pertence ao sr. Domingos Tasso de Figueiredo.

—A Real Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda expulsou do seu gremio os socios activos os srs. Antonio Maria Elisario Cordeiro e Philippe Nery Arthur Balby. A direcção d'aquella associação fez publica pelos jornaes a seguinte declaração:

«A direcção da Real Associação dos Bombeiros Voluntarios d'Ajuda resolveu, em uma das suas ultimas sessões, suspender os dois socios activos Antonio Maria Elisario Cordeiro e Philippe Nery Arthur Balby, isto pelo facto de abusos commettidos em prejuizo da mesma Associação. E para que de futuro não continuem, isto é, emquanto por Assembléa geral não fôr resolvi-

do o contrario, servimo-nos do presente meio para fazer publico que os referidos socios não estão actualmente no goso pleno dos seus direitos, e por isso não poderão servir-se do nome da Associação a que pertencem.

—Eis alguns pormenores sobre o incendio occorrido ultimamente na Real Fabrica de Fiação de Thomar, e de que os nossos leitores têm de certo já conhecimento:

O incendio manifestou-se na casa das caldeiras, pela meia noite de 26 para 27 do corrente, e foi descoberto pelo guarda, que logo correu a dar o signal de alarma, tocando a rebato.

Acudio promptamente o sr. Alfredo Augusto de Almeida, administrador da fabrica, e, em poucos minutos, elle, todo o pessoal de incendio da companhia, bomba e *extinctores* atacavam o terrivel elemento, que, com certa violencia, ameaçava reduzir tudo a um montão de ruinas.

A bomba, collocada junto ao grande tanque de alimentação das caldeiras, principiou immediatamente a funcionar e tão bem foram dirigidos os trabalhos, que se conseguiu atalhar o fogo que ameaçava invadir não só a casa das gommadeiras, mas tambem a officina de tecelagem, uma das mais bellas d'aquelle vasto edificio e n'esta ainda chegou a introduzir-se por uma corréa de transmissão de movimento, ardendo alguma trama e maçaroca e um pouco de desperdicio, porém, não proseguiu, por ser atacado a tempo com os extinctores ou mata-fogos inglezes, eguaes aos que ainda bem recentemente tão grande serviço prestaram no incendio que se manifestou na fabrica de lanifícios dos srs. Daupias & C.^a, em Alcantara.

Os agentes geraes para a venda d'estes utilissimos appparelhos são os srs. Creswell & C.^a, da rua dos Fanqueiros.

Acudiram tambem, alem de immenso povo, a bomba da camara municipal de Thomar e um piquete de infantaria 11, commandado por um alferes que collocou sentinelas, e fez a policia no local do sinistro.

Todo o pessoal da fabrica e muitas pessoas estranhas a ella, prestaram grandes serviços. É porém, fóra de duvida que todos os esforços seriam infructiferos se não existisse regular e recentemente montado um serviço d'incendios da companhia, principalmente em um sinistro que se manifestou com tal violencia que toda a demora em o combater seria fatal.

O prejuizo ainda se não póde ao certo calcular, mas suppõe-se que não excederá a 1:500\$000 réis.

A fabrica está segura na quantia de 300:000\$000 réis nas seguintes companhias:

Fidelidade 40:000\$000, Bonança 30:000\$000, Tagus 30:000\$000, Tranquilidade Portuense 30:000\$000, El Fenix Español 30:000\$000, Douro 25:000\$000, Norwich Union 25:000\$000, Liverpool London Globe 25:000\$000, Indemnizadora 20:000\$000, Segurança 20:000\$000, Garantia 15:000\$000, Confiança Portuense 10:000\$000. Total 300:000\$000.

— Vae organizar-se no matadouro d'esta cidade uma companhia de bombeiros voluntarios. Sobre este objecto diz o *Diario de Noticias*:

«De dia para dia se torna de maior necessidade e adopção d'este alvitre, que para tão importante estabelecimento constituirá, uma vez levado á pratica, um grandissimo melhoramento. Conforme dissemos em a nossa folha de domingo passado, desde a rua de S. José até S. Sebastião da Pedreira não existe, na estação de incendios d'aquelles sitios, nenhum carro de

mangueiras, mas infelizmente ha peor do que isto. Na freguezia de Arroios, da qual a area é bastante extensa, não ha estação alguma de incendios. Estes factos, devemos assim dizer, se por um lado se tornam dignos de lastima e requerem promptas providencias, por outro lado vemos que facilmente se remediariam uma vez que no matadouro seja levada ávante a idéa da organisação de uma companhia, embora diminuta, de bombeiros voluntarios, a exemplo do que se pratica nas grandes officinas no estrangeiro e do que, felizmente, se vae adoptando entre nós. Sabemos ser esta idéa sympathica aos srs. inspectores do matadouro e que alguns trabalhos já se acham encetados para ser levada á pratica. O que falta agora? A opinião do sr. inspector geral dos incendios, e a da camara. No matadouro, aos que nos parece, não se tornará difficil a organisação da companhia que poderá ser constituída de individuos pertencentes ás diversas officinas e dos talhos municipaes n.ºs 134, 95 e 135. A unica despeza a fazer será por certo a acquisição de uma bomba e de um singelo fardamento ou de uma insignia qualquer para uso dos que voluntariamente se offereçam para fazerem parte da companhia. Os serviços que de futuro poderá prestar no caso de qualquer sinistro nas freguezias de S. Sebastião da Pedreira, Coração de Jesus e S. José ou Arroios, serão por certo importantes.

C.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE COIMBRA

A proposito d'esta projectada associação diz o *Coimbricense*:

«Amanhã, domingo 24, reúne-se, para dar começo aos seus trabalhos, a commissão encarregada de solicitar prendas para o bazar em beneficio da sociedade de bombeiros voluntarios academicos.

Tencionam dirigir-se aos habitantes de Coimbra, pedindo o seu auxilio, que tanto mais é devido, quanto é em vantagem de toda a cidade.

E' de esperar que os academicos sejam bem acolhidos por todos os habitantes nas suas justas pretensões. Trata-se de uma instituição utilissima, e seria para lamentar que não progredisse por lhe faltar o apoio a que tem direito.

Sabemos que os academicos estão empenhados em introduzir, no seu serviço dos incendios em Coimbra, os ultimos melhoramentos usados nas nações estrangeiras, para o que, porém, se carece de uma quantia avultada.»

INCENDIOS NO PORTO DE 15 A 31 DE JULHO

17 de Julho. — A's 7 horas e meia da tarde. Incendio no matto da Serra do Pilar, ardendo na extensão d'alguns metros. Extinguiram-n'o os moradores do sitio sem auxilio dos soccorros publicos, retirando no caminho a bomba e carro dos bombeiros voluntarios que para alli se dirigia.

21 de Julho. — A's 11 horas da manhã. Rua de

Santo Ildefonso. Armazem de drogás de Joaquim d'Oliveira Baptista. A imprevidencia d'um rapaz que preparava verniz, ateou o incendio a uma barrica d'alcairão. Quando o verniz se incendiou, o fogo saltou á roupa do rapaz que teve de se precipitar a um tanque, fugindo assim a mais horrorosas queimaduras. A vizinhança e gente da casa extinguiu o incendio sem dependencia do auxilio publico que de prompto compareceu no local. A primeira bomba que compareceu foi a n.º 2, Batalha.

29 de Julho.— A's 8 horas da manhã. Rua da Prezada n.º 45. Carvoaria de José João da Silva, que ficou bastante contuso quando procurava dominar o incendio em resultado de lhe cahir por cima uma porção de carvão que estava n'um sotão. Compareceu a bomba municipal n.º 11 e a dos voluntarios, não sendo necessarios os seus serviços.

31 de Julho.— Ao meio dia. Incendio n'uma porção de matto inferior á bateria da Serra do Pilar. A buxa d'uma peça, quando por aquella hora a bateria salvava, originou o sinistro de insignificantes consequencias, apesar do que a torre da fortaleza deu o signal de incendio, comparecendo o material e pessoal da circumscripção e o dos voluntarios.

Incendios nas provincias

No dia 16 do passado houve um grande incendio na casa da Portella, proximo ás Caldas de Vizella e que é propriedade de D. Margarida Fortunata Velloso da Silveira. O incendio cuja causa se ignora causou prejuizo em cerca de 500\$000 reis.

No dia 21 em Villa Real houve um grande incendio na casa da quinta do sr. Manuel Gonçalves de Carvalho, sita em Paulos. Mais de metade do edificio foi presa das chammas.

Poderam felizmente salvar-se uma porção de pipas de vinho e algumas de aguardente, que ahí tinha armazenadas.

Em Ponta Delgada houve ultimamente um incendio na villa da Povoação, no estabelecimento de merceria do sr. Manoel Jacintho Rapozo, que pôz em ruina todo o predio e duas casas proximas. Foi originado o fogo por pessoa que usou de pouca cautella com petroleo. Como se entornasse no chão algum d'este liquido, entenderam que accendendo uma aparas de madeira conseguiriam secar o petroleo derramado, mas a chamma communicou-se a um barril do mesmo liquido, que immediatamente rebentou, tornando se impossivel dominar o incendio. Apenas se salvou do estabelecimento acripturação e 180\$000 réis em dinheiro. Victima d'este desastre, queimado pelo petroleo, fal-

leceu depois o sr. Manoel Jacintho Rapozo, proprietario do estabelecimento.

Em Moimenta de Mangualde ardeu a casa do sr. Albuquerque e Brito.

No dia 22 do passado declarou-se o incendio em Vizeu na pharmacia do sr. Antonio Paes de Figueiredo causando prejuisos em cerca de 300\$000 reis. Uma folha da localidade ao passo que exalta os serviços do bombeiro Manuel Augusto Villar, censura asperamente os prestados pelo bombeiro Antonio Francisco, ha tempos condecorado pelos seus serviços n'um incendio na rua Direita.

Em Elvas tem havido ultimamente alguns incendios nos campos motivados pelo ardor do sol.

Na madrugada do dia 25 do passado incendiou-se em Agueda a cocheira que n'aquella villa possui o director do correio, o sr. Victorino Martins que soffreu consideraveis prejuisos.

Houve ultimamente em Albergaria a Velha um pavoroso incendio que destruiu completamente uma bella casa pertencente ao sr. Manoel Rodrigues de Bastos, causando-lhe prejuisos superiores a dous contos de réis. Ao lado d'uma das lojas da mesma casa estavam dois caixões de dynamite que felizmente as chammas não attingiram, o que a realisar-se, faria voar pelos ares alguns predios vizinhos e muitas pessoas que trabalharam corajosamente na extincção do incendio e que ignoravam a existencia da dynamite.

Em Paço d'Arcos arderam no dia 29 do passado umas barracas de viveres que ahí tinha armazenados o sr. a Pedro Augusto. As barracas eram propriedade da sr.ª condessa do Geraz de Lima.

Incendios no estrangeiro

Na occasião de uma corrida de touros que no dia 19 se dava no circo dos Campos Elysios, de Madrid,

manifestou-se um incendio que devorou quasi completamente o recinto. Ia principiar a lide, quando se avistou uma ligeira nuvem de fumo; todos procuraram então sahír da praça, sendo derribada promptamente uma trincheira; e, como o incendio lavrava pausadamente offerecendo-se ao mesmo tempo vasto campo para fuga, não houve desgraça alguma a lamentar, limitando-se tudo a algumas contusões, bastantes apertões, muito susto e pouco terror.

Os toureiros fugiram espavoridos e alguns ainda por vestir; algumas mulheres desmaiaram, muitas choravam e todos gritavam.

Desconhece-se a causa do incendio, dizendo alguns que um leque incendiado, lançado por uma senhora ao palanque da musica, já velho e construído de madeira muito secca, fôra a origem do sinistro.

Foi destruída por um incendio a capital do districto de Row no na Russia, ardendo primeiramente as egrejas e alguns monumentos.

Ficaram sem abrigo e sem provisões mais de cinco mil familias. O fogo foi lançado pelos nihilistas, em diversos locais ao mesmo tempo, tendo anteriormente apparecido umas cartas ameaçando os habitantes com aquelle castigo.

Dizem de Namur que em Wineum rebentára um pavorosissimo incendio, que devorára 70 casas que formavam uma rua. O vento impellia as charimas de umas para outras casas.

Houve em Bordeus um grande incendio n'um dos mais importantes depositos de vinhos.

Varias noticias

No dia 22 de julho, a companhia dos Bombeiros Voluntarios de Lamego festejou de uma maneira entusiastica o quarto anniversario da sua inauguração. A casa da estação esteve, durante esse dia, patente ás pessoas que a desejassem visitar.

N'essa mesma tarde, pelas 6 horas, effectou-se um exercicio no Passeio Publico, onde manobrou a companhia disciplinadamente e com acerto. O edificio dos paços do Concelho serviu para a companhia executar as suas manobras imaginando-se no mesmo um incendio que precisava extinguir-se.

Na noite d'esse dia, serviu-se no magnifico palacete das Brolhas um jantar profuso e bem servido a que assistiu a Companhia dos Bombeiros Voluntarios,

o commandante dos Bombeiros Municipaes, o presidente da Direcção, o facultativo da companhia e o sr. Marcario de Castro, faltando a esta sympathica festa, por motivo justificado, os srs. visconde de Ariz, conego João José Teixeira Fafe, Augusto de Mattos Cid e dois bombeiros voluntarios que se achavam doentes.

Houve grande numero de brindes durante o jantar, os quaes foram todos correspondidos com grande animação e entusiasmo.

A companhia felicitou por telegrammas suas magestades el-rei D. Luiz I e D. Fernando e as companhias dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa e Porto.

Sua magestade el-rei D. Luiz I, agradeceu por telegramma a felicitação bem como o commandante dos Bombeiros Voluntarios do Porto.

Emfim, foi uma festa sympathica e d'aquellas que essa humanitaria corporação deve registrar na breve historia das suas demonstrações pacificas e mais queridas.

As associações Monte-pio dos Bombeiros e Progresso Portuense de todas as classes e Monte-pio Garantia dos Bombeiros do Porto, foram contempladas com o legado de 75\$000 réis do finado João Antonio de Sousa Flores.

INCENDIO NA COSTA DO FURADOURO

Correu hontem n'esta cidade que lavrava em Espinho um grande incendio. Averiguadas as cousas sabe-se que não foi n'aquella localidade mas sim mais ao sul que se deu o terrivel sinistro.

Seriam 9 horas e meia da manhã, quando o fogo irrompeu com grande violencia n'uma das melhores casas da costa, e como estas são, com raras excepções de madeira com pedra apenas na frontaria, o incendio generalizou-se rapidamente a todos os pontos da costa, do lado do norte, devorando em pouco tempo cerca de 400 casas.

O voraz elemento só deu por finda a sua missão destruidora ao meio-dia. O quadro que então se offercia ás vistas aterradas d'aquella pobre gente de pescadores e pequenos negociantes era um quadro de ruinas.

São calculados os prejuizos, attenta a barateza das construcções, de 100 a 120 contos. Alguns dos predios, não muitos, estavam seguros na companhia Garantia e Union.

Por fortuna, e devido isto á hora em que se deu o incendio, não houve perdas de vidas a lamentar. Ainda assim, a situação é angustiosa, porque este desastre prejudicou muitos desgraçados que tinham ali todos os seus pequenos haveres.

D'uma pobre mulher se conta, que pudera salvar os seus ouros, investindo com as lavaredas que lhe lamberam o cabelo e queimaram o rosto.

Outros, menos felizes, lá deixaram ou capitães empregados em sadinha, ou os seus arranjos domesticos ou o mesmo fato com que se cobriam.

Não se averiguou ainda ao certo a causa do sinistro. Uns dizem que fôra descautella d'uns sujeitos

que tomam banhos quentes, e outros que fôra de um barbeiro. Em todo o caso, ninguém o attribue a proposito criminoso.

A fumarada era tão intensa, que algumas pessoas a viram da Foz!

Aguardamos mais minuciosos promenores.

Chronica Quinzenal

Estamos em plena canicula: podemos, com Junqueiro, dizer:

...O sol applica á terra
Um caustico de brazas!

Assim, n'esta temperatura de forno, temos a morna indolencia d'um pachá; deitamo-nos, n'uma pose abandonada, muito desapertados, bufando, a espaços, como se o nosso halito pudesse refrescar o ambiente!

E' que o calor é um grande inimigo que nos persegue; se nos sentamos, temos vontade de estar de pé: se estamos de pé, desejamos deitar-nos, etc. Andamos sempre em opposição constante, e n'este ponto, congratulamo-nos por este facto, porque isto de estar em constante opposição é a mania de muita gente.

O sol que nos tem abrasado, nos ultimos dias, tem, por igual, seccado os acontecimentos. Pouco ha a registrar. A politica, arregaça-se, toma uns ares de quem tem rasão, e prepara-se para luctar, no campo legal das convicções. Deve ser uma lucta curiosa, interessante, accidentada de episodios tragico-burlescos. Mas, adeante.

N'estas chronicas, quasi sempre traçadas a correr, fallamos varias vezes do actor Luciano, um gentilissimo espirito de rapaz, que o Porto apreciava muito. Pois esse espirito apagou-se, ha dias, n'uma casa ahi para S. Lazaro. Luciano, que tinha a valentia dos 23 annos, o ardor d'uma mocidade, a constituição d'um hercules, e as creanças e as esperanças que deixam a existencia, em annos tão verdes, não pôde sustentar a lucta com a doença. Em Lamego, Luciano constipou-se; forte, não ligou importancia áquelle incommodo: quando chegou ao Porto, invadiu-o de subito uma grande tristeza; já não folgava, já não ria, já não tinha para cada coisa um ditinho, uma gargalhada. Um dia, quiz levantar-se, e não pôde; reagiu, achou que era covardia deixar-se prender ao leito, assim, como uma creança; era impossivel a resistencia.

Dez dias depois, ninguém o conhecia; pallido, com uns grandes olhos, sem brilho, magro, como um esqueleto, elle para alli estava sentindo as suas dôres, sempre á espera de melhoras.

Durou o martyrio do desditoso moço, uns vinte dias; quanto mais se encaminhava para a sepultura, mais lhe sorria uma esperança. A' roda d'elle faziam-se trevas, espreitavam os vermes, e elle, sempre a esperar, a esperar, que a saude voltasse.

Pois não havia de ter esperanças, quem tinha 23

annos, quem via diante de si um futuro risonho, doirado, a tental-o com as suas fascinações?

Pobre amigo!

Matou-o uma tysica galopante; arremessou para o tumulo, o corpo d'um rapaz querido de todos, apagou um espirito lucidissimo, um talento de primeira ordem.

Nós, que muito te queriamos, desditoso amigo, aqui deixamos consignada a expressão do nosso sentimento.

Dorme em paz.

Foito, poz-se um dia a parafusar sobre uma coisa, escolher peça para o seu beneficio. Isto de dramas, de comedias, de operetas, está velho, cansado. Lembrou-se de escolher uma peça, *A Traviata*, por exemplo. Achou porém, que poderia ser alcunhado de sentimental; sorriram-lhe ainda *Os Huguenotes*, mas era o diabo, uma opera assim.

Por fim... agarrou no *Cabo da Caçarola*, uma velha magica, cheia de disparates, uns desenxabidos, outros com algum sal, com visualidades, transformações, etc., etc. Anunciou-se a peça, contra-annunciou-se, annunciou-se de novo, contra-annunciou-se ainda uma vez e está promettida para hoje irremissivel, definitiva, irrevogavel e inadiavelmente para hoje. Vamos talvez logo ver o *Cabo da Caçarola* onde Foito refugará um publico que o aprecia e estima porque o theatro na epoca em que vamos atravessando não é senão uma immensa caçarola onde o espectador se não fica cosido fica pelo menos ensopado... em suor.

31 Julho.

F.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos as seguintes que obsequiosamente nos foram offerecidas pelos seus auctores ou editores:

O Lusitano — Semanario scientifico, litterario e biographico. — Lisboa.

O Figaro — Porto.

O Joven — Revista academica litteraria mensal. Porto. Eis o summario do seu primeiro numero:

A que vimos — Eterno amor, Maximiano Lemos Junior — Fundação d'arcadia; Heliodoro A. Salgado — Hontem, hoje e amanhã, M. Lopes Cardoso de Paula — A sociedade, C. C. — O nosso amor, Manoel Flores — Amor e saudade, M. Lopes Cardoso de Paula — Devaneios, João A. Ribeiro — A minha irmã, Heliodoro A. Salgado — Classificação dos systemas philosophicos sob um novo ponto de vista, Augusto Brochado — Amor perfeito, José Bertholdo — A mulher, A. S. Pousada — A biologia, J. Leite de Vasconcellos — O que é a vida, J. V. da Cunha Seixas — No cemiterio, Silva Mattos — A arte dramatica, J. Pessanha.

O Freguez — Publicação mensal, jornal critico-litterario. Porto. N.º 3. 4.º anno.

Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, S. Domingos, 74.